

Hotel Casino Bellagio



A terra prometida

Os novos hotéis, os espetáculos, as pessoas, a gastronomia, o jogo, a fantasia

Las Vegas: a cidade de maior e mais rápido crescimento dos E.U.A. Novos hotéis-casino surgem todos os anos como miragens recortando-se luminosos no céu negro do deserto de Nevada. O ar seco e limpo dá às coisas uma falsa ilusão de proximidade - apenas mais uma ilusão...

Sábado, ao fim da tarde: hordas de turistas de todas as idades em peregrinação inundam os passeios da Las Ve-

gas Boulevard - a famosa «Strip». Não é a arquitetura fantasista dos principais hotéis que os atrai antes os grandiosos espetáculos de rua gratuitos que aqueles proporcionam aos passantes: à espectacular batalha naval do Treasure Island, com tiros de canhão e barcos de três mastros ao fundo; à telúrica e luminosa erupção do vulcão do Mirage, junta-se agora a «dança dos repuxos» no lago artificial do Bellagio, ao ritmo romântico de êxitos musicais nas vozes de Andrea Bocelli e Sarah Brightman...

«Lá vai o rebanho para a próxima pastagem...», comenta o taxista chocarreiro

e enjoado ao passarmos por uma multidão de gentes de todas as cores, feitos e desvarios: vestidas a rigor ou em «shorts» e fato de treino, muitos com crianças pela mão, outras aos ombros estremunhadas da viagem, sorvendo absortas coca-cola por palhinhas entre dentadas comunitárias em hamburgers, fatias de pizza e outras «frituras» avulsas que lhes entopem as artérias e os fazem aumentar de peso e volume para lá do impensável. Você nunca viu um gordo até ver um americano gordo. Tenho por hábito perverso catalogá-los mentalmente como um caçador lunático de borboletas nocturnas ra-

ras. Há muitos exemplares na casa dos 200 quilos. Vi um casal de mão dada que por junto pesava 500 quilos! E contudo movem-se, diria Galileu...

«O pior ainda são os tipos que vão no carro e param para ver a merda do vulcão. Fucking volcano shit!...», lamenta-se amargamente o taxista já a pensar no tempo perdido e na gorjeta que se esfuma. Ao entrar, eu tinha-lhe dito que estava com pressa. «Ain't we all?...», respondeu ele.

O vulcão do Mirage entra em erupção e em redor tudo petrifica como em Pompeia. Esguichos de água cor de lava incandescente (por força de poderosos ho-



Caesar's Palace

la avulsa, até a maionese e o «ketch-up» lhes sair pelos cantos da boca. Saem a rebolar desaguando como detritos não-tratados no mar indiferente de gente colorida e ruidosa que enche as salas de jogos.

E ainda se arriscam a ganhar - o sistema de som não cessa de o lembrar - um milhão de dólares nas «slot-machines». Até descobrirem que o almoço afinal lhes saiu caríssimo...

Não admira que os homens de negócios se refugiem nos hotéis menos «populares» (e mais caros). Mas nem mesmo aí escapam à multidão que invade democraticamente os corredores, pisando as fofas alcatifas (são lindas e exclusivas!), refastelando-se nos sofás de veludo importado e limpando as mãos no brocado dos cortinados. Ninguém se parece importar com isso. O jogo encarrega-se de cobrar a factura: alguém há-de pagar os estragos!...

Las Vegas é a cidade dos E.U.A. onde à vista desamada há mais dinheiro e menos preconceitos. Na mesma mesa de jogo confraternizam casais vestidos por Armani e pela Nike. De «smoking» e de «jeans». De sapatos de verniz e de ténis. O seu estatuto é apenas aferido pelo nível de aposta. Se joga forte tem direito a um cartão dourado que lhe abre algumas portas e lhe evita o incómodo das bichas que são uma instituição na cidade: para o check-in, para o check-out, para comer, para beber, para mijar, para o táxi. Se joga muito forte, tem direito a uma suite com sauna, jacuzzi e massagem (completa). E bem precisa.

Primeiro foi o «boom» dos hotéis temáticos que transformaram Las Vegas numa «disneylândia» de luz, cor, exotismo e fantasia.

No Bacchanal, um dos muitos restaurantes do Caesar's Palace, somos cumprimentados à porta por Marco António e Cleópatra vestidos a rigor: ele com capacete de escova, espada, saia de pregas e armadura moldando o peito musculado; ela uma negra lindíssima no seu toucado de plumas e vestido de seda refulgente. E até Júlio César, salvé!, se digna conviver com os manducantes.

Seis pratos por 60 dólares e um beijo da Cleópatra (ou do Marco). Que mais se pode desejar?

O hotel-pirâmide Luxor inspirou-se na cultura egípcia; o Excalibur parece saído de um conto de fadas com os seus torreões de banda desenhada do Rei Artur; o Treasure Island e a sua bela enseada artificial são o reino fantástico de corsários e piratas. Lá dentro, dois esqueletos-falantes andrajosos, de lenço roto na cabeça, pála no buraco onde antes estaria um olho vasado e espada ferrugenta à cinta, culpam-se mutuamente da tragédia que os levou àquele lastimoso estado ameaçando-se de morte para gáudio da petizada que percebe a irónica inutilidade da ameaça e grita: «You're already deader than dead!...»

Em Las Vegas assiste-se hoje à tentativa de reconstituir no deserto o clima

ameno do sul de Itália ou o ambiente cosmopolita e sofisticado de Monte Carlo e Paris (com Arco do Triunfo, Torre Eiffel e tudo!) num jogo psico-iconográfico de substituição para compensar o turista americano assustado demais para voar para a Europa com todas as ameaças saracenas que pairam sobre a sua cabeça.

Até aqui o jogo de luzes no palco fêérico da noite fazia parte indelével da máscara de Las Vegas, qual maquilhagem de «croupier» entradota a tentar disfarçar os anos sem sono. Mas sob o brilho do sol inclemente do deserto, a máscara derretia-se, a magia desvanecia-se. Viam-se os «podres»: rochas fingidas, mármore de madeira pintada, dourados de pechisbeque, árvores e flores de plástico. Agora o hotel Bellagio, que custou tanto como a Expo (e já dou de barato as fraudes!...), é tão lindo sob a luz forte da manhã como à noite envolto na iluminação discreta de milhares de pequenas lâmpadas que decoram as árvores dos belos jardins circundantes. No Bellagio, os mármore são mármore; os granitos, granitos; as flores, flores; e até as árvores, Senhor, são árvores: pinheiros mansos (com vinte anos!), oliveiras, laranjeiras (com laranjas penduradas!) e limoeiros. No meio do deserto!..

No Olive, um dos muitos restaurantes nas margens do lago Bellagio, janta-se (quase) como em Itália. A abrir, azeitonas deliciosas com pão de alho e azeite virgem tudo regado com tinto Chianti Riservo ao copo! Seguem-se «fettucini», «ravioli», «scampi»... Só o excelente espadarte grelhado com lagosta do Maine e a má qualidade do café denunciam as coordenadas. Isso e o «tiramisu» industrial...

Em compensação, pelo preço de uma bica pode ver na Galeria de Arte do hotel quadros originais de Picasso, Matisse, Cézanne, Renoir, Van Gogh, Miró e Warhol, no valor de 300 milhões de dólares, que pertencem à colecção particular de Steve Wynn, o milionário dono dos melhores casinos da cidade: Mirage, Treasure Island e Golden Nugget (este na parte baixa da cidade).

No Bellagio respira-se o ambiente luxuoso de uma estância termal italiana do final do século XIX. Dezenas de lojas exclusivas da Armani, Chanel, Guerlain, Petrossian exibem perfumes jóias e roupa exclusiva num luminoso centro comercial inspirado nas galerias Vitor Emanuel de Milão.

No Bellagio Theater a atracção é o espectáculo onírico e surrealista «O», uma produção do Cirque Du Soleil. No palco fantástico, os actores ora mergulham ora nadam ora navegam ora correm sobre a água, porque o palco é afinal uma piscina. Ou talvez não, porque em Las Vegas ilusão e realidade confundem-se facilmente.

Será Las Vegas a Terra Prometida? Ou apenas uma tentação do Diabo?... ■

Comentários: jvhsom@mail.telepac.pt



Deglutem sem remorso toneladas de alimentos regados com champanhe rasca da Califórnia, até a maionese e o «ketch-up» lhes sair pelos cantos da boca. Saem a rebolar desaguando como detritos não-tratados no mar indiferente de gente colorida e ruidosa que enche as salas de jogos

lofotes) e chamus alterosas (por força de jactos de gás) elevam-se a dezenas de metros de altura entre ohs! de júbilo e admiração. O fabuloso sistema de som reproduz os batucos da selva e a revolta dos intestinos da terra abafando em redor os arrotos «carbónicos» dos humanos. Mas não os gritos de entusiasmo: a multidão exulta ululante. O trânsito pára. «Eu não dizia...», o taxista bate com as mãos no volante «desperado».

A CES, a «Convenção» como lhe chamam, injecta nos percursos da cidade-luz do deserto de Nevada cem mil visitantes excedentários que se vão juntar ao «povão» que descobriu que pode levar a família toda a comer até se fartar no «buffet» de um hotel a menos de dez dólares por cabeça. No meio do maior luxo e ostentação «kitsch», deglutem sem remorso toneladas de alimentos regados com champanhe rasca da Califórnia e coca-co-